

20-08-2021

## Paixão na Laive

### Domitilo de Andrade

[Ex-comerciário. Poeta e Cordelista]

Aposentado, em cárcere privado, com problemas digestivos, prostáticos, neurológicos e principalmente psicológicos, a pandemia do Covid-19 me colocou num dilema profundo que durante meus 50 anos de paciente psicanalítico nunca foi resolvido. Imagino que meu psicanalista nunca tenha se manifestado porque ele nunca tenho sido provocado. Não conversei com ele sobre isso, mas imagino que esse seria seu argumento. Ele só não pode esquecer que eu jamais teria algum argumento pandêmico para provocá-lo, a não ser que eu fosse protagonista de pesadelos da gripe espanhola. Vá lá que eu tenha tido algum pesadelo com algum campo de concentração nazista, mas em 50 anos de análise, duas vezes por semana, eu jamais me lembraria se isso ocorreu. E, muito menos, meu psicanalista, que tem muitos pacientes (até hoje que eu saiba nenhum curado). Mesmo porque psicanálise, como todos sabemos, não cura. Faz lá uma cosquinha no id, dá um sacolejo no inconsciente, um esbarrão no superego e manda ver no cartão de crédito. E o efeito é sempre no cerebelo, pelo menos no meu. Saio do consultório agarrando no corrimão, meu verdadeiro salvador do desequilíbrio que me causa o preço da consulta. Minha relação com meu psicanalista é íntima. Somos amigos. Quando me tornei seu cliente, há 50 anos, após uns doze anos de sócio na minha conta bancária ele me ligou no aniversário. Fiquei feliz pelo parabéns. Depois, descobri, e nunca tive coragem de contar pra ele, que ele ligou pro cliente errado. Era dezembro, faço aniversário em março. Perdoei porque ele é muito ocupado e deve ter me confundido com o Natal. Depois disso nunca mais me ligou. Passaram-se, desde então, 38 anos. Mas sigo firme porque souro. Nesse percurso secular, certa vez entrei numa loja de guarda-chuvas, canivetes suíços, facas de churrasco, frasqueiras com segredo, bengalas... esses apetrechos comerciais que atualmente só se encontra em Paris ou Nova York, lugares que nunca conheci por conta de meu compromisso orçamentário com o psicanalista.

Mas, antes da pandemia, no centro do Rio, na Rua da Carioca, ainda havia uma loja dessas coisas exóticas.

Vi uma bengala. Na hora pensei: com uma bengala dessas vou pedir alta da psicanálise. Diante da vitrine, parei vitralizado, estupefato e senti em meu peito o grito libertador. Com essa bengala vou mandar esse terapeuta às favas. A grana economizada vai me levar à Paris, Nova York e, quem sabe, à Varsóvia... Perguntei ao vendedor o preço. Não sei se ele se confundiu com minha pergunta, pois depois de gaguejar por meia hora ele se manifestou:

*“... o senhor tem que entender ... é exemplar único ... é de nióbio amalgamado com titânio da Zâmbia ... essa bengala é milagrosa ... ela substitui seus pés ... ela ....”*

Ao saber o preço, interrompi o amável vendedor e lhe disse: *“Eu não quero comprar a loja, só queria a bengala....”*

Saí direto da Rua da Carioca para o Leblon, território inóspito de bolsonaristas, e fui direto pro consultório do meu psicanalista. O diálogo que se segue não foi gravado.

Guardo de memória... ..

**PSICANALISTA:** Olá. Prazer em revê-lo!! Como está de home office? Está gostando?

**EU:** Me apaixonei na Laive ....

**PSICANALISTA:** (silêncio...)

**EU:** Passo todo o tempo em laives. Assisti laives sobre incêndios na Califórnia, derretimento de gelo no Ártico, guerra no Iêmen e na Ucrânia, distribuição de vacinas da Pfizer, economia do Brasil decolando, Queiroz e rachadinhas, Odebrecht e Braskem em Maceió, estupro de crianças na Amazônia, feminicídio em ascensão, racismo estrutural, afundação da Fundação Palmares, desfile de tanques (tanqueata) em Brasília ... e aí me apaixonei ...

**PSICANALISTA:** Pode me explicar melhor?

**EU:** Por ela. Ela sempre está lá, nas laives que assisto ....

**PSICANALISTA:** Ela quem, meu senhor?

**EU:** Ela. Ela é linda. Assiste as laives sempre sorrindo. Faz perguntas sempre pertinentes. Deixa os apresentadores embaraçados e mantém seu sorriso. Ela tem os cabelos meio encaracolados, meio largados como se estivesse ao sabor dos ventos e neles enrolasse os mistérios do mundo ... os olhos castanhos escuros, sobrancelhas deixadas ao léu, como uma celebração ao desenvolvimento sustentável. Sempre de batom vermelho, sua boca é um libelo pela voz anunciada, antes mesmo que fale, e uma usina da voz que soa como música aos (meus) ouvidos. O contorno de suas orelhas é uma espécie de aviso para as duas conchas acústicas do mundo: a dos que impõem sua fala e a dos que são impedidos de falar. A sua orelha dos que não falam sempre balança um pouquinho mais que a outra - balanço imperceptível que, tenho certeza, só eu sei -. Talvez porque dela pendam um brinco da cor do sol e de tamanho similar. Suas bochechas são a perspectiva da glória de apertá-las. Ela é linda. Totalmente linda.

**PSICANALISTA:** Não será assédio feminino, meu senhor?

**EU:** Nem cheguei ao final do que consigo ver nas laives ... seu pescoço ... seu pescoço é qual tronco que sustenta a força da natureza masculina, mulher linda que é ....

**PSICANALISTA:** Terminou o tempo...

Rápido, chamei um UBER e voltei à Rua da Carioca.

Cheguei esbaforido, as grades tipo rolo de macarrão fechando, perguntei pelo rapaz da bengala. Ninguém sabia quem era. Prometi a mim mesmo que nunca mais iria conversar com alguém sem saber seu nome.

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*